

TEXTOS

(Sugestões para seminários)

CARTA DE UM PASSAGEIRO DE MONÇÃO (1785) - Conclusão

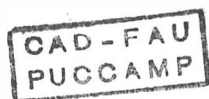
(Diogo de Toledo Lara e Ordonhes)

Em conclusão, em cinco meses justos que gastei no Sertão, diverti-me bastante, porém muito mais até chegar a Camapuã, por serem os ares mais frios, mais sadios, boas águas e não haver o maldito mosquito; porque até então jogávamos até meia noite, brincávamos, e não me mortificava a calma. E se a tinha lavava-me duas e três vezes ao dia, em todo o rio Pardo, o que fazia enquanto chegavam as outras canoas, porque a minha andava sempre muito dianteira. Porém depois dos mosquitos, calmas, águas más e quentes, levei má vida e o meu refrigério era atirar a torto e a direito, mesmo de dentro da barraca, e jogar de dia enquanto não havia mosquito.

Ouvíamos missa todos os domingos e dias santos; cantava-se o terço aos sábados, e os mais dias eram rezados.

Vinham dois cozinheiros bons. Comemos com gosto, e parece que estávamos em povoado, não faltava nada: tudo devido ao cuidado do religioso Fr. José, e do ajudante; concorrendo para isso os muitos preparos que fizeram, em minha casa. Em Itu, em casa de minha parenta, a Sra. Dna. Maria, mulher do Mestre-de-Campo José de Góes, que há perto de dois anos é morto; e finalmente em Araraitaguaba, por via do mesmo religioso, que de nada se esquecera para o meu cômodo.

Além dos perigos das cachoeiras, onças e cobras, causou-me bem medo o de algum cometimento de gentio; principalmente do ferocíssimo Paiaguá que navega pelo Paraguai; e Porrudos que tem as povoações para cima da cidade de Assunção dos castelhanos, até pouco abaixo do presídio da Nova Coimbra, em que já falei. Este gentio tem causado as maiores



hostilidades que se podem imaginar; suposto depois que andam as canoas del Rei com freqüência pelos ditos rios já não aparece, e se vê algumas foge velozmente.

O acordar bem escuro para embarcâr já não me dava abalo, nem o dormir dentro do mato; só quando chovia, trovejava e havia grandes tempestades à noite é que me afligia bastante, suposto que estava a enxuto. Tinha muito medo de onças e qualquer cobra que subisse à minha cama e por isso sempre se armava entre-meio das outras, o chão bem varrido no modo possível, e com uma espingarda e uma pistola à cabeceira.

Tive várias vezes algumas ameaças de moléstia, que não pofiaava (?) adiante; e era do que tinha mais medo. No caminho o remédio principal é a pimenta malagueta, gengibre, etc., para os sacatrapos, que são continuados nos negros, principalmente por viverem na torreira do sol, dormindo no úmido, etc.

(Original pertencente ao arquivo de José Bonifácio, o moço, e publicado pela primeira vez nos “Anais do Museu Paulista. Reproduzido em Taunay, Afonso de - **Assuntos de três séculos coloniais**: 155-179. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944. E em **Relatos monçoeiros**: 203-214. São Paulo, Martins, 1953 (“Biblioteca Histórica Paulista”, v. 9).

*

A REGIÃO PLATINA E SUA ADMINISTRAÇÃO (Bougainville)

O governador da província de La Plata reside em Buenos Aires. Em tudo o que diz respeito ao mar depende do vice-rei do Peru; mas essa distância fez essa dependência quase nula, que existe realmente apenas para a prata que está obrigado a obter das minas de Potosi, dinheiro que já não virá em barras desde que se fundou neste mesmo ano (1767) em Potosi uma Casa da Moeda.

Os governos particulares de Tucumã e do Paraguai, cujos principais estabelecimentos são Santa Fé, Corrientes, Salta, Tujus, Córdoba, Mendoza e Assunção, dependem, bem como as famosas missões dos jesuítas,

do governador geral de Buenos Aires. Esta vasta província compreende, numa palavra, toda as possessões espanholas a leste das cordilheiras, desde o rio Amazonas até o estreito de Magalhães. É verdade que ao sul de Buenos Aires não existe já nenhum estabelecimento; a única necessidade de abastecer-se de sal faz os espanhóis penetrarem nessas regiões. Com esta finalidade parte todos os anos de Buenos Aires um comboio de duzentas carretas, escoltado por trezentos homens; vai à cerca de 40^o carregar-se de sal nos lagos das proximidades do mar, onde se forma naturalmente. Em outros tempos os espanhóis o mandavam buscar com goletas na baía de S. Julián.

O comércio na província de La Plata é o mais pobre da América espanhola; esta província não produz ouro nem prata e seus habitantes são pouco numerosos para que possam tirar do solo tantas outras riquezas como encerra em seu interior: o comércio mesmo de Buenos Aires não é atualmente o que era há dez anos; decaiu consideravelmente desde que foi proibido o que ali chamam a “internación de las mercancías”, isto é, desde que foi proibido transportar as mercadorias da Europa, por terra, de Buenos Aires ao Peru e ao Chile; de maneira que os únicos objetos de seu comércio com estas duas províncias são hoje: o algodão, as mulas e o mate ou erva do Paraguai. O dinheiro e o crédito dos negociantes de Lima fizeram ditar esta ordenação, contra a qual reclamam os de Buenos Aires. O processo está pendente em Madrid, onde eu não sei como nem quando se julgará. Sem dúvida, Buenos Aires é rica: vai sair um barco de registro com um milhão de piastras; e se todos os habitantes desse país tivessem o mercado de seus couros com a Europa, somente este comércio bastaria para enriquecê-los.

(Bougainville, Louis Antoine - **Viajes al redor del mundo**, “apud” Bellotto, Manoel Lello/Corrêa, Anna Maria Martinez - **A América Latina de colonização espanhola**: 133-134. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1979.)